

“Cacimbo e chuva e madrugada, noite e dia, desde o princípio do mundo, nosso sagrado espaço”: palmilhando O Livro dos Rios

Jacqueline Kaczorowski

Universidade de São Paulo

jacqueline.barboza@usp.br

Resumo

Se, ao examinar literatura, compreende-se que todos os conflitos humanos passíveis de ficcionalização se dão necessariamente sob um fundo sócio-histórico, sofrendo intrincadas e complexas determinações materiais, procede compreendê-los também forçosamente circunscritos espacialmente – dado que, independente do tratamento concedido ao espaço, é certo que será dimensão inerente a qualquer gesto narrativo e, como tal, construtor e revelador de significados. Assim, o convite ao deslocamento pelo território literário angolano demanda a reinvenção de percursos teóricos que podem ser favorecidos pelo recurso à observação do tratamento dado a este aspecto estrutural. O tratamento e a importância conferidos ao espaço nas narrativas africanas produzidas em língua portuguesa já foram alvo de diversas abordagens críticas. Deste modo, sabe-se que, quando passou a aparecer representado em textos literários, o terreno africano foi tratado com base no estabelecimento de distância e diferença radicais, interditando possibilidades de reconhecer ali a existência de civilidade e historicidade. Em objeção a este empreendimento de desumanização da História e do espaço do outro, escritores africanos vêm elaborando respostas por meio das mais diversas estratégias, entre as quais, no cenário de língua portuguesa, merecem destaque aquelas compostas por José Luandino Vieira. A sofisticada radicalidade estética que constitui O Livro dos Rios pode ter sua interpretação enriquecida com o investimento nas lentes da interdisciplinaridade. O conceito bakhtiniano de cronótopo também pode trazer contribuições significativas à apreensão da figuração estética que constrói um espaço que, resistente a qualquer forma de apropriação colonial, não se entrega facilmente àqueles que pretendem mapeá-lo.

Palavras-chave

José Luandino Vieira, espaço, cronótopo, literatura angolana

Abstract

When examining literature, if all human conflicts that can be fictionalized necessarily take place in a socio-historical background, suffering intricate and complex material determinations, such conflicts may therefore be spatially circumscribed – because, regardless of the treatment granted to space, it is sure to be an inherent dimension of any narrative gesture and, as such, constructor and revealer of meanings. Thus, the invitation to displacement through the Angolan literary territory demands the reinvention of theoretical paths that can be improved by observing the treatment given to this structural aspect. The treatment and the importance given to space in African narratives in Portuguese have already been the target of several critical approaches. Thus, it is acknowledged that, when the African space was represented in literary texts, a radical distance and difference was marked, with a series of precluded possibilities of recognising the existence civilization and history in that space. In opposition to this act of dehumanization of both, the history and the space of the Other, African writers have been elaborating answers resorting to the most diverse strategies in Portuguese, among them those by José Luandino Vieira deserve special attention. The sophisticated aesthetic radicalism that constitutes O Livro dos Rios can have its interpretation enriched through the lenses of interdisciplinarity. The Bakhtinian notion of “chronotope” can also

bring significant contributions to the apprehension of the aesthetic figuration of a space that, resistant to any form of colonial appropriation, is not easily given to those who intend to chart it.

Keywords

José Luandino Vieira, space, chronotope, Angolan literature